

Um presente sem porvir

Lara Ovídio¹

Resumo: O futuro é conhecido, mas não aconteceu ainda, duas afirmações evidentes que convivem e criam a tensão em torno da qual se desenvolve este texto. Aparecem sobrepostos o tempo da história e o tempo do indivíduo. O presente ora se apresenta como tempo de impossibilidades, ora como tempo de incertezas. Não há chão: ninguém mais sabe como olhar para o presente, ninguém mais tem tempo de aprender do passado. É preciso uma novidade realmente nova. O acontecimento parece apontar uma saída. No entanto, lembramos rapidamente que a ciência lacrou todas as saídas de emergência. O movimento do presente é o de correr muito depressa pelos escombros do futuro.

Palavras-chave: Tempo, Futuro, Arte Contemporânea, Incerteza

Present with no hereafter

Abstract: The future is known, but it has not happened yet. Two clear statements, which coexist and create the tension that guides the development of this text. History's time and the time of the self overlap. The present presents itself sometimes as a time of impossibilities, sometimes as a time of uncertainties. There is no ground: nobody knows how to look at the present anymore, and nobody has the time to learn from the past. Some kind of new indeed novelty is in order. The event seems to point to an exit. However, we quickly remember that science has sealed all emergency exits. The present's movement is to run really fast through the debris of the future.

Keywords: Time, Future, Contemporary Art, Uncertainty

¹ Lara Ovídio é artista, professora no Instituto Federal do Rio de Janeiro, bacharel em audiovisual pela Universidade de Brasília e mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ. Este texto é parte de sua dissertação de mestrado, *657 experimentos para um presente sem futuro*, orientada pelo Prof. Dr. Guto Nóbrega e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



Sem título 4

O futuro era um lugar que nenhum camponês da idade média jamais iria querer conhecer, estava ocupado com a eternidade. Já o moço da modernidade poderia facilmente embarcar num Delorean² rumo a 2015. Ninguém imaginou que o mundo seria isso que está sendo. Antigamente, o futuro podia parecer prateado, mas quando chegamos ao futuro, todo o brilho se havia desfeito em escombros. As ficções científicas tornaram-se outra coisa, todo mundo tem náuseas ao ver *Black Mirror*³. O tal do progresso nos impele para diante quando queríamos poder resistir, parar, ou mesmo retroceder⁴. O tempo não para – ninguém precisou me contar isso. O corpo disperso vai depressa, esqueceu-se da possibilidade de se demorar. Será possível criar um tempo para si? O tempo acabou, mas continua a existir. Uma vida já não dá mais para nada.



Esconderijos para o desconhecido

Era quase 1980, quando Rosalind Krauss⁵, tentando entender a arte contemporânea, disse: “[...] ao olharmos um buraco feito no solo, pensamos que sabemos e não sabemos o que seja uma escultura”. Passaram-se mais de 30 anos e o que conhecemos nunca mais foi suficiente para entender o que se apresenta no mundo:

“[...] nos confortamos com essa percepção de similitude, com essa estratégia de reduzir tudo que nos é estranho, tanto no tempo como no espaço àquilo que já conhecemos e que somos”⁶.

As coisas se adiantaram ao pensamento. O tempo de aprender do passado acabara. Entender o presente virou outra coisa.

Quando a crise [do clima] ganhou impulso nesses últimos anos, percebi que todas as minhas leituras sobre teorias da globalização, análises marxistas do capital, estudos subalternos e críticas pós-coloniais nos últimos vinte e cinco anos, apesar de enormemente úteis no estudo da globalização, não haviam de fato me preparado para entender essa conjuntura planetária em que hoje se encontra a humanidade⁷.

E agora? Agora, ninguém sabe.

Onde devem estar os pés do que imagina?

Em algum outro lugar, mas não se sabe onde.

Talvez no futuro, parados sobre a catástrofe⁸.

Mas isso ainda se parece muito ao passado.



O adiamento fez-se método

Dois movimentos acontecem quase simultâneos:

– eu adio o texto, o texto espera por mim –

Para adiar um texto por 202 dias, é preciso enchê-los de alguma outra coisa:

1. chá de boldo com camomila;
2. um voo perdido;
3. dois frascos de Xiao Yao Wang;
4. doze aulas em vídeo sobre a lei 8.112;
5. aulas do YouTube sobre a lei 9.394;
6. seminários aleatórios;
7. desejar um trabalho como docente de fotografia;
8. desejar um trabalho como docente de estética cinematográfica;
9. imaginar a vida se eu ficasse no Rio;
10. imaginar a vida se eu mudasse para Brasília;
11. remorsos passados;
12. livros aleatórios; tais como: *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, *A Estética Cinematográfica*, *A composição*, *Fotografia Criativa Aplicada*, *A análise da imagem*, *Nas sombras de um sonho*, *O que é cinema?*, *O que é fotografia?*, *Introdução à teoria do cinema e O discurso cinematográfico*.
13. provas específicas;
14. prova didática da UFRN,
15. prova didática do IFRJ;
16. prova didática do IFB;
17. provas de títulos;



18. conversas de *whatsapp* sobre exatamente nada;
19. conversas de *whatsapp* sobre Paulo Freire;

20. comprar comida;
21. fazer comida;
22. comer chocolate;
23. tomar café;
24. procurar receitas novas;
25. arranjar dinheiro para comprar comida;
26. lavar roupa na casa dos meus vizinhos;
27. estender roupa na minha própria casa;
28. ir a médicos;
29. fazer fisioterapia para a tendinite do pé esquerdo;
30. fazer ressonância magnética no pé esquerdo;
31. ir à piscina;
32. ir ao bar;
33. não fazer nada.

Adiar não é o bastante. É necessário listar cada um dos afazeres que preencheram o adiamento⁹, como estratégia para subverter o desejo da narrativa histórica de fazer sumir o tempo improdutivo da história.

A perda da perspectiva histórica infinita gera o fenômeno da improdutividade, tempo perdido. No entanto, também é possível abordar esse tempo perdido mais positivamente, como tempo excedente – como tempo que atesta nossa vida como puro ser no tempo, para além de seu valor dentro da estrutura das projeções políticas e econômicas modernas⁹.

O tempo que não vale nada e a vida, ela mesma, podem ser os materiais de trabalho. As artes do tempo, que já inventavam muito bem um tempo que se arrastava permitindo a experiência do tédio e da inutilidade, me interessam uma segunda vez, documentando “o tempo que está em risco de ser perdido como resultado do seu caráter improdutivo”¹⁰. Por um lado, permitem perder tempo – do espectador; por outro, acolhem o tempo perdido – do artista.



{ } { } { }

Eu queria este texto assim: uma espécie de Camarada do Tempo¹¹.

26.05.2017

Vim parar aqui porque precisava de um pouco de sol¹².



Do urgente

Entendi a urgência como uma coisa fluida aos 19 anos: pedi a meu pai para comprar um cabo de ouro para conectar dois vídeos e editar de maneira amadora um VHS. Meu pai foi apressadamente – porque eu tinha hora e ele também – em umas 10 lojas do Alecrim¹³ enquanto eu fiquei em casa esperando o amigo que chegaria com o segundo videocassete. Antes que ele chegasse, painho me ligou umas tantas vezes para tentar aproximar o produto que eu queria dos que existiam no mundo. Comprou um cabo. Antes mesmo do cabo chegar à minha casa, a energia foi cortada por falta de pagamento.

O cabo se atrasou à energia [.] [.] [.]



Acontecimento 1

No GAE¹⁴ Expande #2, Fabiane Borges (informação verbal)¹⁵ comentou a relação de alguns indígenas – com os quais cooperara – com o futuro e o papel do sonho nessa relação. O que se sonha é algo que de fato aconteceu, de forma que nenhum sonho pode ter caráter premonitório. Uma relação com o futuro muito próxima à do ocidente, que trata as interpretações de dados do presente como imagens de um futuro que já aconteceu¹⁶. Transforma, assim, a previsão em visão.

...

Há alguns anos, o presente era o único território possível para os acontecimentos acontecerem. Agora, coisas também acontecem no futuro.



Já visto

Sempre me deu arrepio presenciar um *déjà vu*. Não vivenciá-lo, mas ser parte-cenário-figurante do que já fora visto por alguém. Meu arrepio aumenta quando sou parte-protagonista, quando minha fala, gesto, imagem são os objetos da recordação.

Não só é assombrosa a hipótese de que eu esteja vivendo duas vezes exatamente a mesma coisa, mas que eu não tenha qualquer consciência disso. Em quantos lugares será que eu existo? Que lugares serão esses? Ou será que a pergunta mais adequada seria: quantas vezes será que eu existo? Essas existências serão simultâneas ou não? O *déjà vu* é um fenômeno baseado no tempo ou no espaço?

No cérebro – respondem os cientistas.

Nenhuma explicação me convence mais que a de um erro que escapou à matrix¹⁷.



Um mundo previsível

O imprevisto é a energia cortada, o incêndio na reitoria, o despertador que não toca, a mulher bêbada que cai à sua frente, o terremoto, a editora que adoce e abandona o filme, o golpe político, o fim do “minha casa, minha vida”, um sim, um não, a tendinite no pé esquerdo, a dor no pulso direito, o endereço errado, a biblioteca fechada, a bolsa de estudos atrasada.

Derrida¹⁸ aproxima as noções de imprevisto e de acontecimento, como o que vem vertical e não se apresenta à visão antes de se apresentar à experiência. Por não vir do horizonte, chega ao mundo sem ser pré-visto. O acontecimento é aquilo do que os olhos que veem não podem nos proteger.

O imprevisto é um presente que se impõe tão forte e potente que não pode ser ignorado. O imprevisto é um acontecimento pelo qual ninguém espera.



O sonho das máquinas

A tecnologia e a mineração de dados¹⁹ sonham com o fim do imprevisto, acabar com o imprevisto é só uma tarefa necessária à realização do plano. Constroem, assim, um mundo perfeito para si mesmas e para todas as máquinas amigas.

(.)

(.)

(.)

Nós compactuamos e apoiamos essa construção de mundo, porque não é mais possível viver sem *google maps*.



Grude

Com o advento dos celulares espertos, o senso de urgência grudou-se exitosamente a tudo. No entanto, à medida que tudo urge, nada urge tanto assim : : : : apenas o suficiente para estarmos sempre atrasados.



O iminente pode ser adiado indefinidamente

No México, só os estrangeiros têm medo que a terra trema. Os mexicanos sabem que ela sempre tremeu e para sempre vai tremer²⁰. O que equivaleria a dizer que o grande tremor já aconteceu e não aconteceu ainda. Podendo, assim, ser adivinhado por qualquer um para algum dia.

A afirmação “a terra treme” dita assim, no presente, deixa de ser evento e se torna condição: a terra é porque treme. Sua impermanência é o que lhe permanece. Uma ligação estranha, difícil e inevitável como entre a morte e a vida. Os mexicanos lidam tranquilamente com a tragédia iminente.



Sem título 5

“A Natureza arrisca os seres sem que nenhum seja especialmente protegido. Do mesmo modo, não há preferência ou amor especial em relação a nós, os homens, por parte do risco que nos arrisca”²¹. Herzog fala sobre o vulcão:

“É um fogo que quer explodir e não poderia se importar menos com o que fazemos aqui em cima. Essa massa fervente é monumentalmente indiferente às apressadas baratas, aos lentos répteis e aos enfadonhos humanos por igual”²².

A espécie humana não perde para os elementos geológicos nem em força, nem em indiferença²³.



Acontecimento 2: A minute ago (2014)

O vídeo de Rachel Rose²⁴ começa numa casa de vidro vazia. O arquiteto modernista Philip Johnson aparece como uma fantasmagoria e passeia falando coisas que ninguém entende bem. A música constrói uma tensão e me faz crer que alguma coisa está para acontecer. Numa praia, começa uma tempestade de granizo. Os banhistas começam a sair. O clima estava ótimo há um minuto – um deles diz. A temperatura baixara 20 graus de uma hora para outra. A tensão aumenta. Um homem se despede em meio à tempestade: caso a gente não consiga sair daqui, saiba que eu te amo muito. Eu também te amo – a mulher lhe responde. A tensão cresce. É aumentada mais uma vez por uma contagem regressiva acompanhada por tambores e imagens caóticas que se sobrepõem.

Daí pra frente, já não lembro mais de nada.



O futuro já foi conhecido

Nenhuma surpresa. As imagens de amanhã já não se diferenciam das imagens de ontem. “Nenhuma ação do homem conta. Até mesmo o acaso é abolido”²⁵. A ciência de coletar e interpretar dados trabalha para fazer do acaso uma ideia obsoleta. Dados de dados de dados. Imagens do que ainda não ocorreu acontecem cada vez que vistas.

Em algum momento, fez sentido existir um gênero literário e cinematográfico como a ficção científica. As ficções sempre envelheceram muitos anos antes do porvir *ter lugar*²⁶. O tempo transformava, e transforma ainda, a catástrofe em comédia e isso nunca foi problema algum. Era um tempo em que o futuro era incerto e incorporava todo tipo de imagem inventiva. Nós inventaríamos o futuro com a faculdade da imaginação.

Esses futuros ficaram no passado.

“Eis a fonte de resignação e passividade na vida quotidiana, com reflexos na política, nos costumes, na moral: somos chamados a nada fazer para mudar o que acontece e o que acontecerá”²⁷.

As incertezas que antes habitavam o futuro devem ter ido pedir refúgio em algum outro lugar } talvez no presente.



13.06.2017

Existe uma posição exata em que o sol se coloca para poder passar por todo aparato e encontrar uma superfície-refletora-na-varanda-do-vizinho e chegar na minha casa. Quase nada no mundo reflete. Mentira. Quase tudo é água. Mas, quando sua única janela dá para o pulmão de todos os prédios de um quarteirão, o encontro do sol e do espelho na parte mais fria do outono é um pequeno milagre. A precisão da posição do prédio, escolhida baseada em fatores unicamente econômicos, me favorece: um milagre inimaginável.



Um adiamento impossível

Na modernidade o presente era essa coisa que atrasava a chegada do futuro. Quando tudo mudou, o presente pode ter se tornado o único lugar em que é possível fazer alguma coisa para atrasar a chegada do futuro.

Um dia, a dúvida escapou do futuro e invadiu o presente: “[...] o contemporâneo é constituído pela dúvida, hesitação, incerteza, indecisão – pela necessidade de reflexão prolongada, de um adiamento”²⁸. O fim do mundo com futuro pode estar desacelerando o presente: “[...] estamos empacados no presente na medida em que ele se reproduz, sem levar a futuro nenhum”²⁹. Meus dias parecem mais um grande entulho de prazos esgotados e por esgotar, o tempo inteiro entra mais material em cena, quase não entendo o que pode querer dizer esse presente empacado. A minha experiência do tempo, às vezes, é insuficiente para compreender os processos históricos.

Adiar o futuro não é suficiente para adiar o futuro.



Sem título 6

Tempo a-histórico. Tempo não-histórico. Tempo histórico. Empilho todos os conceitos e a ordem sequer importa, melhor que se misturem mesmo. Sou uma pessoa que passa. O gato é um bicho que é. Nunca terminei de entender exatamente o que diferencia a recordação da imaginação. O gato de Borges³⁰ sempre vem me acordar. Para mim, ele nunca esteve dormindo atrás do vidro. Ele salta e quebra o vidro em cima de mim. Seu tempo de agora mostra as fissuras do meu: todo cheio de antes e depois. Um pouco de verdade e um pouco de invenção. Um pouco de invenção e um pouco de invenção. Da existência vou colecionando alguns flashes dispersos sem qualquer importância. Às vezes, fico pensando se o cinema mudou a forma como nós vemos no mundo. Lembro quase só do que não importa, ninguém faria um filme com isso. A criança corre em círculos na caixa de areia, metade cinza e metade branca. Quando muda de sentido, não restitui a separação original das cores. O cinza se mescla cada vez mais³¹. Passar estas páginas também é uma espécie de ampulheta. Passá-las para trás levaria o tempo para frente da mesma forma. O que interessa não é isso. A ampulheta nunca foi uma coisa em si mesma. Mas o tempo todo cedo aos encantos desse objeto.



14.06.2017

Quando digo que o futuro acabou, não quero dizer, de forma alguma, que o futuro haja acabado.

Benjamin conta que era proibido aos judeus investigar o futuro. Que eram ensinados pela *Torá* e pela oração a recordar. Olhar para o passado, até que o futuro abandonasse os astros e onde mais ele pudesse se esconder. “Mas nem por isso o futuro se converteu para os judeus num tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias” ³². Agora que o Messias não virá, resta-nos esperar.

Os indícios de futuro se deixam ver nas imagens da decadência. O que se adivinha é algo que já se sabe. Smithson tem uma espécie de visão pós-apocalíptica em Passaic, que não lhe causa qualquer espanto.

O último monumento era uma caixa de areia – ou uma maquete de deserto. Sob a luz morta da tarde de Passaic, o deserto se torna um mapa de infinita desintegração e esquecimento. Esse monumento de partículas diminutas resplandecia sob o sol brilhando do modo desolado, sugerindo a sombria dissolução de continentes inteiros, a secagem de oceanos – não havia mais florestas verdes e altas montanhas – tudo que existia se resumia a milhões de grãos de areia, um vasto depósito de ossos e pedras pulverizados, formando poeira. Cada grão de areia é uma metáfora morta que se igualava à atemporalidade, e quem decifrasse tais metáforas seria levado através do falso espelho da eternidade³³.

As coisas do mundo só falam das próprias coisas do mundo. Para além disso, não sobrou nada. As metáforas podem estar todas mortas.



Peça para colecionar o futuro

Dias frios, 2017

1. Vá a uma vidente e pergunte sobre o futuro do planeta;
2. Vá a um xamã da Amazônia profunda e pergunte sobre o futuro da mãe terra;
3. Pergunte a uma criança de 5 anos sobre o que vai acontecer com o mundo quando ela for grande;
4. Pergunte à pessoa mais velha que você tiver notícias sobre o que ela viu acontecer à terra;
5. Pergunte a um cientista da universidade mais próxima seus prognósticos;
6. Pergunte a um economista liberal sobre o planeta em 100 anos;
7. Tire uma carta de *tarot* para a terra;
8. Pergunte a você mesmo sobre o futuro do mundo;
9. Anote cada uma das respostas em papéis pequenos;
10. Guarde em uma caixinha;
11. Sorteie futuros todos os dias³⁴.



O fim do infinito

Quando Michael Landy foi convidado pela National Gallery para fazer o programa de residência do museu, o pânico foi generalizado: um homem que destruiu tudo que tinha³⁵, facilmente, iria destruir toda a coleção do museu. Em vez de se encaminhar pela polêmica ação dos Chapman Brothers que compraram as gravuras de Goya *Desastres da Guerra* e as “retificaram” desenhando cabeças de cachorrinhos e de palhaços por cima delas³⁶, Landy optou por um caminho um pouco menos iconoclasta: fazer outras esculturas a partir do que havia pesquisado nas imagens do museu e que essas esculturas, sim, se autodestruíssem³⁷. Tachados por muitos de vândalos e destruidores da história, os Chapman Brothers estavam, para mim, fazendo um comentário importante sobre a própria história que lhes acusavam de vandalizar.

As bibliotecas e museus, lugares para guardar obras, artistas e escritores imortais, precisaram se reformular para abrigar pessoas e trabalhos passageiros³⁸. Os que dizem que somente a história pode escolher os verdadeiros artistas são pessoas evidentemente do passado: desavisadas de que já não há futuro, já não há História, já não há verdade. Por um lado, as narrativas históricas são reescritas e reescritas, por outro, somos todos artistas³⁹. Talvez por isso, me chame tanta atenção que só tenhamos tido tecnologia suficiente para inventar impressões museológicas quando elas já eram anacrônicas, quando talvez nada mais possa desejar sobreviver à história⁴⁰.

O tempo improdutivo não constituía uma questão no tempo das coisas. As coisas incorporavam e redimiam o tempo que fora investido na feitura delas. O tempo,



por sua vez, redimia as coisas, fazendo-lhes durar por alguma eternidade sempre que elas merecessem ocupar algum lugar que atendesse às circunstâncias ótimas de conservação. O tempo infinito das coisas acabou junto com a modernidade. Já o tempo, ele mesmo, pode ter acabado junto com as catástrofes acontecidas no futuro, junto com o último ser humano que se extinguiu.

A mineração de dados e as previsões do fim do mundo podem estar movendo a pergunta de que arte pode ajudar o tempo, para que arte pode ressuscitar o tempo, espelho. Podem estar trazendo para o presente uma pergunta de depois do último dos humanos. O Messias que não veio não virá. Acolher a incerteza pode querer dizer aceitar as não conclusões, vagar pelos escombros, correr pelos escombros. Nesse preciso momento, reduzo o desconhecido àquilo que já conheço. Volto quase sem querer às artes do tempo. Meus pés não estão no futuro, sequer descobriram se esse é realmente um lugar apropriado, um lugar em que se colocar.

Quanto mais me aproximo do fim, me aproximo também do começo. Indo para frente, vou também para trás. Perguntar por uma arte possível, enquanto esperamos o fim do mundo, talvez seja bem semelhante a perguntar sobre uma fala possível nos tempos em que estamos. Desde que saímos, demos voltas e voltas e não nos adiantamos nem cinco minutos ao sul.



Fim

Um texto que abarque o tempo do processo. O texto como arte do tempo. Um texto que acolhe o que lhe adia. Um texto que contém tempo improdutivo. Um texto que se compõe de vida. Um texto que ajuda ao tempo quando ele tem problemas. *Método.* O exercício de olhar para o tempo de que sou contemporânea é também o exercício de olhar para o futuro. Não foi sempre assim. Mas agora é. Dados minerados. Dados lidos por máquinas. Dados se transformam em imagens do futuro. Os dados são o futuro. O futuro acontece no presente. Toda espécie de incerteza escapara do porvir. Toda espécie de incerteza se alojara no que está sendo. *Especulo.* O paradoxo, que nunca foi embora, se deixa entrever outra vez. Um presente sem futuro, eis o tempo que nos é dado a viver. A catástrofe já fora anunciada. A natureza arrisca a todos os seres por igual. Somos convocados mil vezes a nada fazer. Entendo esse chamamento como um chamamento para a espera, que ao mesmo tempo em que é catastrófico, causa-me um grande fascínio. 7.000.000.000 de seres humanos esperando. *Que escena increíble!* Que espécie de trabalho pode caber num mundo sem futuro. *Pergunto.* Agora que o mundo acabou, o tempo também acabara – junto ao último dos humanos. *Repito-me.* Que espécie de trabalho pode caber num mundo sem tempo? *Atualizo a pergunta.* Não tenho resposta. Será que os pés daquele que imagina devem conhecer o aspecto da poeira pós-humana? Talvez sim ou talvez o lugar em que pisar seja outro que ninguém inventou ainda. Tendo a gostar mais dessa segunda hipótese. O acontecimento e o imprevisto se tocam, por vezes coincidem. O acontecimento lembra cada vez que acontece que o futuro ainda tem qualquer grau de incerteza. Quando o tempo acaba, também acabam as histórias. Mas até lá vamos patinando em respostas.



Notas

- ² Menção ao carro utilizado como máquina do tempo no filme de Robert Zemeckis, *De volta para o futuro* (1985).
- ³ *Black Mirror* (2001-). Série de ficção científica de Charlie Brooker que mostra o lado sinistro da vida e da tecnologia. Tradução livre. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt2085059/> Acessado em: 17.06.2017.
- ⁴ Menção à tempestade que impede o anjo da história de fechar suas asas e o impele para o futuro. (BENJAMIN, 2012, p. 246). O anjo estaria de costas para o futuro e o amontoado de ruínas crescia diante dele até o céu. Mas parece que a pilha de tão alta tombou. As ruínas se adentraram ao tempo de depois.
- ⁵ KRAUSS, R. A escultura em Campo Ampliado. In: *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n.17, 2008, p.131.
- ⁶ KRAUSS, R. 2008, p. 129.
- ⁷ CHAKRABARTY, D. O clima da história: quatro teses. Tradução coordenada por Idelber Avelar. *Sopro*, 91. 2013, p.4. Por não poder entender mais o mundo com as leituras que trazia, o historiador propõe novas teses para a história que partem da noção de que a história natural e humana deveriam coincidir depois das explicações antropogênicas para a mudança climática.
- ⁸ Menção à necessidade de imaginar um futuro “sem nós”, para problematizar o conhecimento histórico. “Assim, nossas práticas históricas habituais para visualizar o passado e o futuro, tempos que nos são pessoalmente inacessíveis – ou seja, o exercício da compreensão histórica –, são lançadas numa profunda confusão e contradição”. (CHAKRABARTY, D. 2013, p. 2).
- ⁹ Menção aos poemas de Hilan Bensusan: Poema que explica suas asas com versos (em composição há anos) e Adiário. Disponíveis em: <http://bucalumbrello.blogspot.com.br/>. Acessado em: 28.06.2017.
- ¹⁰ GROYS, B. Camaradas do tempo. In: *Caderno SESC-Videobrasil*, São Paulo, n. 6, 2010, p. 122.
- ¹¹ Idem. p. 122.
- ¹² Menção ao sentido que Boris Groys (2010, p. 124) dá à palavra contemporâneo: “camarada do tempo – como colaborador do tempo que ajuda ao tempo quando ele tem problemas, quando tem dificuldades. E sob as condições de nossa civilização contemporânea, focada em produtos, o tempo de fato tem problemas quando é concebido como improdutivo, sem sentido”.
- ¹³ Av. Pres. Antônio Carlos, 58/11º - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20020-010.
- ¹⁴ Bairro de Natal que [...] “tem como marca registrada o comércio de produtos populares, com sapatarias, lojas de tecidos, produtos agrícolas e as barbearias, que resistem ao tempo. Há bares e esquinas com jogo do bicho, uma tradição do lugar”. Disponível em: <https://guiadeturismoblog.wordpress.com/2016/05/17/historia-do-bairro-do-alecrim/>. Acessado em: 28.06.2017.
- ¹⁵ Grupo de Pesquisa Arte Ecologias.
- ¹⁶ Palestra proferida por Fabiane Borges: Ancestrofuturismo. Evento GAE Expande #2, Espaço Capacete, maio/2017.
- ¹⁷ Referência à pesquisa da Profa. Dra. Fernanda Bruno (ECO-UFRJ) que levanta a possibilidade da mineração dos dados interferir nos próprios acontecimentos que prevê, numa espécie de profecia autorealizadora baseada nas automação da percepção hoje: imagem, objetividade e vigilância. Centro de Artes Hélio Oiticica, maio de 2017).
- ¹⁸ Menção ao filme *MATRIX*, 1999. A matrix seria uma realidade construída artificialmente para se sobrepor à verdade de que todos viveriam em cativeiros.
- ¹⁹ DERRIDA, J. *Pensar em não ver: Escritos sobre a arte do visível*. (1979-2004). Florianópolis:



Editora UESC, 2012, p. 70.

20. Mineração de dados consiste no uso de algoritmos para analisar e segmentar dados, em busca de padrões consistentes e predição de eventos.

21. Jodorowski narra um ato poético cuja proposição seria andar em linha reta. A realização do ato envolveu pedir escadas, tocar a campainha para que as pessoas abrissem suas portas para que ele e o amigo que lhe acompanhara pudessem passar por dentro das casas e seguir em linha reta, etc. Comenta que de modo algum isso impressionara as pessoas do Chile. O que ele explica da seguinte forma: “As pessoas chamadas razoáveis, aquelas que creem na solidez deste mundo, não concebem atos loucos. Mas, no Chile, a terra treme a cada seis dias. O solo mesmo do país é, por assim dizer, convulsivo. Isso fazia com que todo mundo estivesse sujeito a um terremoto físico e existencial. Não habitávamos um mundo maciço regido por uma ordem burguesa, supostamente bem implantada, mas em uma realidade “tremorosa”, nada permanecia fixo, tudo tremia”. (JODOROWSKI, 2004, p. 22)

22. HEIDEGGER, 2012, p. 321.

23. VISITA AO INFERNO 2016.

24. Menção à teoria do antropoceno: Eles [os cientistas que advogam pelo antropoceno] argumentam que os seres humanos, que constituem um tipo particular de espécie, são capazes de, durante o processo de dominar as demais espécies, adquirir o status de uma força geológica. Os seres humanos, em outros termos, se tornaram atualmente uma força natural. (CHAKRABARTY, 2013, p. 16).

25. A minute ago (2014), Rachel Rose.

26. NOVAES, A. Mutações. O futuro não é mais o que era. São Paulo: Edições Sesc, 2013b, p.23.

26. “Desta forma, a ficção científica no cinema envelhece ainda mais rapidamente que nos livros, pois tem que dar forma e substância visíveis ao futuro. Tem que inventar modas para o futuro – um empreendimento irrealizável, pois a moda vive apenas no presente”. In: CARRIÈRE, J. C.. A linguagem secreta do cinema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 122.

27. NOVAES, 2013b, p.23.

28. GROYS, 2010, p.120.

29. GROYS, 2010, p.122.

30. Menção ao conto O Sul, Jorge Luís Borges. “Entrou. Aí estava o gato, adormecido. Pediu uma xícara de café, adoçou-o lentamente, experimentou-o (esse prazer lhe tinha sido proibido na clínica) e pensou, enquanto alisava a negra pelagem, que aquele contato era ilusório e que estavam como separados por uma vidraça, porque o homem vive no tempo, na sucessão, e o mágico animal, na atualidade, na eternidade do instante” (BORGES, 1998, p.89).

31. Menção ao experimento proposto por Smithson em Passaic. “Agora eu deveria ter a intensão de provar a irreversibilidade da eternidade usando uma experiência de recursos escassos para comprovar a entropia. Imagine com o olho de sua mente a caixa de areia dividida em duas com areia preta de um lado e areia branca de outro. Pegamos a criança e fazemos correr no sentido horário dentro da caixa completando 100 voltas, até que a areia se misture e comece a ficar cinza; depois disso, a fazemos correr no sentido anti-horário, mas o resultado não será a restauração da divisão original e sim grau ainda maior de cinza e aumento da entropia”. SMITHSON, Robert. “Um passeio pelos monumentos de Passaic”. In: Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, n. 19, 2009, p. 167.

32. BENJAMIN, 2012, p. 252.

33. SMITHSON, 2009, p. 167.

34. Venda de Piel de Lobos Marinos de un Solo Pelo. Coletivo formado por Lara Ovídio e Enero y Abril. Disponível em: <http://piedelobosmarinosdeunsolopelo.tumblr.com/>. Acessado em: 28.06.2017.

35. Performance “Break Down” (2001), Michael Landy.

36. Menção ao trabalho Insult to injury (2003), Chapman Brothers.

37. Menção ao trabalho Saints Alive (2013), Michael Landy.

38. Menção a GROYS (2010, p. 121): “A noção de uma coleção de arte permanente diz tudo: arquivo, biblioteca e museu, permitiam permanência secular, uma infinidade substituía a promessa religiosa da ressurreição e da vida eterna”. O tempo curto da existência do autor seria compensado pelo tempo infinito do projeto realizado, bem como pelas narrativas que glorificavam artistas,



cientistas e revolucionários. “Mas, hoje, essa promessa de um futuro infinito que conserva o resultado de nosso trabalho perdeu sua plausibilidade. Os museus tornaram-se lugares de exposições temporárias, em vez de espaços de acervos permanentes” (GROYS, 2010, p. 121).

³⁹. Menção a GROYS (2010 p. 126): “não estamos vivendo entre a massa de espectadores passivos conforme escreveu Guy Debord, mas entre as massas de artistas”.

⁴⁰. As teses de Chakrabarty (2013) apontam para uma inseparabilidade entre história humana e história natural. A história natural se acelerou, e o clima e as estações do ano já não podem deixar de importar enquanto se reescreve a história do presente e quando se imagina a história do futuro.

Referências Bibliográficas

ALBERRO, Alexander; STIMSON, Blake (Orgs). *Conceptual Art: A Critical Anthology*. Cambridge/London: The MIT Press, 1999.

ART & LANGUAGE. Arte-linguagem. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs.). *Escritos de Artistas: Anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 235-248.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios escolhidos sobre literatura e história da cultura*. v.1. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____, *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____, *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BLANCHOT, Maurice. *A Conversa Infinita 2. A Experiência Limite*. São Paulo: Escuta, 2007. BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*, volume I – 1923-1949. Rio de Janeiro: Globo S. A., 1998. CAGE, John. *De segunda a um ano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

_____, *Silence*. Hanover: University Press of New England, 1973.

CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

CHAKRABARTY, Dipesh. *O clima da história: quatro teses*. Tradução coordenada por Idelber Avelar. Sopro, 91. 2013. Disponível em: <<http://culturaebarbarie.org/sopro/n91.html>>. Acesso em 27 jun. 2017.

DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo, Editora Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____, *Abecedário de Gilles Deleuze*. Paris: Éditions Montparnasse. Transcrição disponível em:

<<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>
Acesso em 20 jun. 2017.



DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver: Escritos sobre a arte do visível*. (1979-2004). Florianópolis: Editora da UESC, 2012.

FREIRE, Cristina. *Arte Conceitual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUASCH, Anna Maria. *Arte y Archivo, 1920-2010*. Genealogías, Tipologías y Discontinuidades. Madrid: Ediciones Akal, 2011.

GROYS, Boris. Camaradas do tempo. In: *Caderno SESC-Videobrasil*, n. 6, São Paulo, 2010, p. 119- 127.

_____. *Arte en flujo*. 1.ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de Floresta*. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2012.

HEIZER, Michael; OPPENHEIM, Dennis; SMITHSON, Robert. Discussões com Heizer, Oppenheim, Smithson. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs.). *Escritos de Artistas: Anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.275-288.

HERZOG, Werner. *Sobre o Absoluto, o Sublime e a Verdade Exótica*. Disponível em: <http://revistacarbono.com/artigos/01sobre-o-absoluto_wernerherzog/>. Acesso em 25 fev. 2016.

JODOROWSKI, Alejandro. *Psicomagia*. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-RJ, 2006.

KOSUTH, Joseph. A arte depois da filosofia. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs.).

Escritos de Artistas: Anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 210-234.

KRAUSS, Rosalind. A escultura em campo ampliado. In: *Arte & Ensaios*, n. 17, Rio de Janeiro, 2008, p. 128-137.

NOVAES, Adauto. Mutações. *O silêncio e a prosa do mundo*. São Paulo: Edições SESC: São Paulo, 2013a.

_____. Mutações. *O futuro não é mais o que era*. São Paulo: Edições SESC, 2013b.

OSBORNE, Peter. *Anywhere or not at all: Philosophy of contemporary art*. London-New York: Verso, 2013.

PONGE, Francis. *Métodos*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

REY PUENTE, Fernando. *O tempo*. São Paulo: Editora WMF / Martins Fontes, 2010.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro:



Fronteira, 2008.

SALLES, Evandro (Coord.). *O que é Fluxus? O que não é! O porquê*. Brasília / Rio de Janeiro/ Detroit: Centro Cultural do Banco do Brasil/ The Gilbert and Lila Silverman Collection Foundation, 2002.

SANZ, Cláudia Linhares. *Das profecias de fim aos prognósticos contemporâneos*: breve análise a partir das teses de Reinhart Koselleck. In: II Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação - CONECO. Rio de Janeiro, 2007, [s.p.]

_____, *Fotografia e tempo: vertigem e paradoxo*. (Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação). Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010, 207 p.

SMITHSON, Robert. *Um passeio pelos monumentos de Passaic*. In: *Arte & Ensaios*, n.19, Rio de Janeiro, 2009, pp. 162-167.

TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do corpo e da imaginação*. Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

_____, *Breves notas sobre a ciência*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

_____, *Breves notas sobre as ligações (Llansol, Molder e Zambrano)*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.

VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Julia (Orgs.). *Catálogo 32^a Bienal de São Paulo*: Incerteza Viva. 1ed. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2016.

WEISS, Jeffrey. *On Kawara: Silence*. New York: Solomon R. Guggenheim Museum, 2015.

Imagens em movimento:

BLACK, Mirror. Direção de Charlie Brooker. [S.I.]: Netflix, 2011-. Son., color. Legendado. Disponível em: <www.netflix.com>. Acesso em 02 jul. 2017.

DE Volta para o Futuro. Direção de Robert Zemeckis. [S.I.]: Universal Pictures e Amblin Entertainment, 1985. Son., color. Legendado. DVD.

MATRIX. Direção de The Wachowski Brothers. [S.I.]: Silver Pictures e Village Roadshow Productions, 1999. Son., color. Legendado. DVD.

STONES and flies: Richard long in Saara. Direção de Philip Haas. [S.I.]: Milestone Film And Video, 1988. (38 min.), son., color. Legendado.



VISITA ao inferno. Direção de Werner Herzog. [S.I]: Netflix, 2016. (104 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <netflix.com>. Acesso em 02 jul. 2017.

Recebido em: 16/11/2018

Aprovado em: 18/11/2018

